

Marc Kokopeli e Sydney Schrader
Curadoria de Anthony Huberman

Tudo tem bordas. Tem contornos. Um objeto ou uma imagem sempre começa em algum lugar e termina em outro, interagindo com tudo o que está próximo em ambos os lados. Essas bordas indicam a área onde algo encontra seu próprio exterior, seus pontos de contato com tudo o que não é.

Por “tudo”, não me refiro apenas a objetos e imagens, mas também a sons, corpos, cores, palavras, ideologias, ideias. E por “bordas”, não me refiro apenas às físicas, mas também às conceituais, políticas ou emocionais. Não se tratam de fronteiras rígidas, mas do conjunto de parâmetros em constante transformação que usamos para distinguir um objeto, uma ideia, uma agenda ou uma emoção de outro.

O trabalho de um artista, ou pelo menos uma maneira de pensar sobre o trabalho de um artista, é aguçar essas bordas e fazer com que uma se sobreponha à outra de maneira que façam cada uma se curvar, se deslocar ou vibrar. Duchamp, por exemplo, observou as fronteiras que separam a “arte” do “não-arte” e criou obras que reconfiguraram o significado de ambos os conceitos. Rothko explorou o vermelho e o laranja. Caravaggio, a luz e a escuridão. Giotto, o humano e o divino.

Afiar uma aresta não significa necessariamente justapor elementos opostos ou díspares, mas também pode envolver abrir algo — inserir uma cunha em uma forma (ou ideia) que antes parecia monolítica, ou pelo menos inteira ou intacta, a fim de criar um novo perímetro, uma geografia diferente, uma vulnerabilidade recém-descoberta, como um machado rachando um tronco.

Uma maneira de descrever *It's a Pink Area*, uma exposição de obras novas e antigas dos artistas nova-iorquinos Marc Kokopeli e Sydney Schrader, é dizer que ela é feita de arestas e cunhas. Objetos estranhos foram inseridos em lugares familiares, criando geografias diferentes e vulnerabilidades recém-descobertas. Eles criam uma espécie de área rosa, onde as arestas afiadas da escultura, do vídeo, dos corpos, das tecnologias, do milagroso e do mundano parecem coalescer, se cruzam ou se escavam um no outro, como pedaços de madeira lascada. São obras de arte que abrem caminho para novas possibilidades.

Marc Kokopeli and Sydney Schrader
Curated by Anthony Huberman

Everything has edges. Has contours. An object or an image always begins somewhere and ends somewhere else, rubbing into whatever is nearby on either side. These edges indicate the area where something meets its own exterior, its points of contact with all that it isn't.

By *everything* I mean not just objects and images but sounds, bodies, colors, words, ideologies, ideas. And by *edges*, I don't just mean physical ones but conceptual, political, or emotional ones as well. These are not firm borders but the endlessly shifting set of parameters that we use to distinguish one object, idea, agenda, or emotion from another.

An artist's work, or at least one way to think about an artist's work, is to sharpen these edges and rub one into another in ways that make each one bend, shift, or vibrate. Duchamp, for example, looked at the edges that separate "art" from "not-art" and made artworks that re-adjusted what both might mean. Rothko looked at red and orange. Caravaggio looked at light and dark. Giotto looked at the human and the divine.

To sharpen an edge doesn't necessarily mean juxtaposing opposing or disparate elements but it also can also involve cutting something open—inserting a wedge into a form (or an idea) that had previously seemed monolithic, or at least *whole* or *intact*, in order to create a new perimeter, a different geography, a newfound vulnerability, like an ax splitting up a log.

One way to describe *It's a Pink Area*, an exhibition of new and existing works by New York-based artists Marc Kokopeli and Sydney Schrader, is to say that it's made of edges and wedges. Alien objects have been inserted into familiar places, creating different geographies and newfound vulnerabilities. They create a kind of pink area, where the sharpened edges of sculpture, video, bodies, technologies, the miraculous, and the mundane seem to coalesce, intersect, or dig into each other, like pieces of splintered wood. These are artworks that pry things open.